

PIENZA

Um outro livro.

Pienza não se abre nem se estreita, por medo de que — construída à beira do abismo a catedral de calcário e vidro —, os demónios adivinhem seu gesto, a precipitem nos penhascos de argila.

PERUGIA

Não é uma surpresa, este silêncio.

É menos que uma bênção: uma praga.

Pois o cadáver de um papa se despe de paramentos e insígnias, se lança ao lajedo da nave entenebrada.

E o vinho lava todo o corpo da catedral, para que o lugar se purifique de uma casta de tigres.

S. Bernardino, entretanto, insistirá em sermões quaresmais, discretos milagres.

Pouco a pouco, porém, o implacável silêncio cobre tudo — paira sobre esses longes de cinza e azul, para além dos Gólgotas, que os pintores povoam de dispersas criaturas.

É urgente cruzar patamares, galgar abismos, descer de telhado em telhado, vencer a cintura das muralhas.

Até transpor as portas da cidade, e escapar ao mármore branco de seu silêncio maldito.

HERCULANO

Tivéssemos nós desenrolado os papiros, saberíamos que terraços de palmeiras destes terraços se viam, antes que o mar se alargasse diante deles.

Até onde vai agora a cidade, inumada em vozes, roupa branca a secar, garrações de tinto?

Os professores chegam pouco antes do crepúsculo, formulam engenhosas teorias, saltando de um átrio a outro, percorrendo recônditos jardins que as silvas não se cansam de invadir.

Mas um balneário, que pode ser senão um balneário?

E a Casa do Veado, que outro nome justificará que não esse da estatueta que a habita?

Quanto à cruz, que signo lhe vale diferente do da cruz?

Conheceríamos Herculano — suas intrigas e mapas —, não fora a biblioteca confundida com a loja de um carvoeiro, os manuscritos calcinados com a mercadoria de seu negócio.